

**Valdenildo dos Santos**

(in memoriam)

## Semiotics and Psychology in the interfaces of love

How many dimensions does love have? Researchers everywhere seek to define and unravel the mysteries of love in romantic relationships, between parents and children, people in general and couples over the years. For Santos (1996), love has three dimensions, namely: the philanthropic, erotic and agape dimensions. Sternberg (1984) proposes the love triangle composed of the study of intimacy, passion and commitment, which develop into seven types of love. We don't dare undertake such a difficult task, but if we do some research on the subject, everyone will try to define love in the most diverse ways. This work, therefore, following this path initiated and followed by Santos, is based on the hypothesis that the age difference in a loving relationship can cause a lack of love over time and that betrayal can trigger disappointment and transform love into hate. We take, as inspiration, the passage from youth to old age in the poem "Retrato" by Cecília Meireles, brief analyzes of the lyrics of the song "A Thin Line Between Love and Hate" (1971) by The Persuaders and two love stories, under a psychological and semiotic perspective.

### Keywords

Love, passion, betrayal, revenge, psychology, semiotics.

## Semiótica e Psicologia nas interfaces do amor

**Quantas dimensões tem o amor? Pesquisadores de toda parte procuram definir e desvendar os mistérios do amor nas relações amorosas, entre pais e filhos, pessoas em geral e casais ao longo dos anos. Para Santos (1996), o amor tem três dimensões, a saber: a dimensão filantrópica, erótica e ágape. Sternberg (1984) propõe o triângulo amoroso composto pelo estudo da intimidade, da paixão e do compromisso, que se desenvolvem em sete tipologias de amor. Não ousamos realizar tarefa tão difícil, mas se fizermos uma pesquisa sobre o assunto todos tentarão definir o amor das mais diversas formas. Este trabalho, portanto, seguindo este caminho iniciado e trilhado por Santos parte da hipótese de que a diferença de idades numa relação amorosa pode provocar o desamor ao longo do tempo e que a traição pode desencadear a decepção e transformar o amor em ódio. Tomamos, como inspiração, a passagem da juventude à velhice no poema "Retrato" de Cecília Meireles, breves análises da letra da canção "A Thin Line Between Love and Hate" (1971) do The Persuaders e de duas histórias de amor, sob um olhar psicológico e semiótico.**

### Palavras-chave

Amor, paixão, traição, vingança, psicologia, semiótica.

Que amor sigo? Que busco? Que desejo?  
Que enleio é este vão da fantasia?  
Que tive? Que perdi? Que me queria?  
Quem me faz guerra? Contra quem pelejo?<sup>1</sup>

O que queria dizer sobre o amor o poeta português Francisco Rodrigues Lobo ao compor este quarteto? Estaria perdido em que caminho seguir em meio a tantas definições do amor? Antes de tudo, é preciso considerar que Lobo é o autor que empresta sua voz, a palavra, a um narrador que aparece *in texto*.

Gerárd Genette, em *Discurso da narrativa* (1979) distingue as narrativas como a) aquelas de narrador ausente da história que conta e b) aquelas de narrador presente como personagem da história que conta. É o que vai chamar de narrador heterodiegético e homodiegético (1979, p. 243-4). Como dá-se a impressão de que é o próprio Lobo que pergunta, introduzindo-se no soneto pelo uso do verbo “sigo”, ocultando um “eu” lírico, podemos chamar esse narrador segundo a concepção genetteana de narrador homodiegético, posto que o narrador heterodiegético narra uma história da qual não faz parte, é um sujeito alheio, que está fora da diegese e o homodiegético tem participação na história como protagonista, testemunha ou observador. Neste caso, embora se camufle, se esconda, o narrador aparece como sujeito questionador, feito sujeito sartreano com crise de identidade.

Esse narrador que quer saber que amor seguir, que buscar, que desejar, que chama o amor de “enleio da fantasia”, isto é, “dúvida”, “confusão”, “embaraço”, ou mesmo “perplexidade da fantasia, senão com crise de identidade, pelo menos assume uma posição de sujeito da dúvida, nos fazendo entendê-lo como um homodiegético que não desempenha um papel secundário, de observador ou testemunha, mas quer ser o herói de sua própria narrativa, se transformando num autodiegético na terminologia de Genette.

Essa forma de questionamento que nos leva a Sartre mostra também uma das principais características do homem barroco, trilhando o mesmo caminho de Camões e Padre Vieira, posto que a dualidade é característica marcante do homem barroco. Francisco Lobo, poeta português, morreu afogado no Tejo em fins de 1622, com apenas 42 anos de idade, mas deixou-nos esse narrador que caminha elegantemente sobre as águas de dois mares. Que amor amar: o platônico ou o racional? Que amor buscar? O da emoção ou da razão? Que desejo alcançar: o da carne ou do espírito? Que enredo tem este vazio da fantasia? O que é o amor para ele? Uma perplexidade caótica e sem sentido ou uma inútil quimera confusa? Seus versos, em forma de questionamento, revelam os sentimentos de um poeta tipicamente barroco, em busca de respostas para algo fundamental na vida: o amor. Um tema que passa de geração em geração e por isso não se perde jamais no tempo, porque enquanto o homem existir existirá o amor.

Mas, o que dizer do amor? Camões dizia que “é fogo que arde sem se ver, ferida que dói e não se sente, um contentamento descontente<sup>2</sup>.”

1 Francisco Lobo em *Poesias*, sel., pref. e notas de Afonso Lopes Vieira, Lisboa, Sá da Costa, 1940, pp. 77 e 78)

2 <http://pensador.uol.com.br/frase/MTY2OTM/> visitada em 23 de março de 2015 (Sua Poesia.com).

John Lennon por sua vez associava o amor à liberdade<sup>3</sup>. Sting também canta que se você ama alguém, deixe-o livre<sup>4</sup>. O texto bíblico aconselha que devemos nos revestir de amor “que é o vínculo da perfeição” (Kyrie, 2006, p. 1166).<sup>5</sup>, que “no amor não há medo. Antes, o perfeito amor lança fora o medo, porque o medo produz tormento” (Kyrie, 2006, p. 1236)<sup>6</sup> e que “aquele que teme não é aperfeiçoado em amor” (Kyrie, 2006, p. 1236)<sup>7</sup>.

Leo Buscaglia também já falou do amor. Ele conta, em seu livro “Vivendo, Amando e Aprendendo” (1995), que, numa de suas aulas sobre o amor, um aluno perguntou-lhe se, no sábado, teria aula prática. Parece-nos, com base nesta pergunta, a título de hipótese, que a maioria, pelo menos dos jovens, atribui ao amor uma dimensão erótica, já que vamos aqui falar das três dimensões do amor.

Marina Colassanti diz que o amor tem no afeto e na paixão suas formas de atuação: “não existe um único amor ao qual todos obedecem, mas sim diferentes formas de amor, variando não só de acordo com as diferentes culturas, mas também através da história” (1985, p. 17-20). Dentre tantas definições, o amor acabará se englobando numa das três definições que aqui propomos, sob a crença de que há diversas dimensões do ato de amar, mas há também um vetor por onde passam todas as relações amorosas que estariam englobadas na dimensão filantrópica, erótica ou ágape, assunto explorado por Santos em sua dissertação de mestrado “As Três Dimensões do Amor” (UNESP, 1996<sup>8</sup>) em que desenvolveu as relações semióticas do amor como segue:

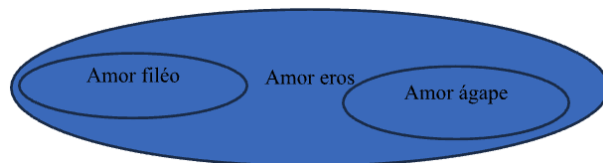


Figura 1: Esquema das três dimensões do amor. Fonte: (SANTOS, 1996-1997)

Santos pediu para um grupo de 40 alunos do Ensino Médio, definir o amor, coletou as definições e analisou cada uma delas. O resultado de sua pesquisa demonstrou que na visão de amor dentre os adolescentes e qual o conceito de amor mais praticado dentre eles, o amor Eros era o eixo principal de suas relações: “Em todas estas formas de amor e tantas outras que não nos vem à memória agora, há, no entanto, um amor que se aflora. É o amor erótico. Se observarmos a dimensão deste amor neste livro, veremos que continua sendo o vetor principal das relações huma-

3 Love, Faixa sete do álbum “John Lennon Collection/Plastic Ono Band”, 1970, Original Sound Recordings da Emi Records, Ltd, 1982.

4 Faixa 1, lado A If you love somebody set them free do álbum “The dream of the Blue Turtle”, CBS Discos, 19985, A&M Records, Inc.

5 | Colossenses, 3:14.

6 | João, 4.18.

7 | João, 4.18.

8 Valdenildo dos Santos, professor, pesquisador e escritor brasileiro publicou “Amor Eros, as chamadas da paixão”, um dos três capítulos de sua dissertação de mestrado pela UNESP, Bauru, em que defende que o amor tem três dimensões e um vetor principal por onde passam as relações amorosas, especialmente, entre os jovens.

nas, embora também apresente algumas características filantrópicas e agápicas” (1997, p. 72). Em decorrência desta constatação, Santos encontrou explicações porque “os relacionamentos, em sua maioria, não são harmoniosos e duradouros” (1997, p. 73). Além dos depoimentos dos 40 alunos, Santos analisou letras de músicas do cancionário popular, poemas da literatura brasileira e portuguesa, versos de poemas de Murilo Mendes (1976) e Jorge de Lima (1958), trechos da Bíblia como a carta do apóstolo Paulo aos Coríntios sobre o amor (Kyrie, 2006, p. 1121)<sup>9</sup>, entrevista televisiva de Leonado Boff e partes do filme “Irmão Sol, Irmã lua” de Franco Zefirelli<sup>10</sup>, além de uma pesquisa etimológica e filológica quanto ao “amor” empregado por Cristo e Pedro, nas três confissões de amor dos evangelhos (Kyrie, 2006, p. 1047)<sup>11</sup>. Santos utilizou-se, ainda, da análise de um relato de um caso de amor em que houve a traição, vingança que puseram o amor e o ódio como possíveis faces da mesma moeda (1997, p. 36).

Este trabalho, portanto, seguindo este caminho iniciado e trilhado por Santos parte da hipótese de que a diferença de idades numa relação amorosa pode provocar o desamor ao longo do tempo e que a traição pode desencadear a decepção e transformar o amor em ódio.

Tomamos como base, num primeiro momento, uma breve reflexão sobre a passagem da juventude à velhice no poema “Retrato” de Cecília Meireles e na ilustração do relato da relação entre um casal que apresenta a diferença de idade. Num segundo momento, fazemos uma breve análise do relato de um caso de amor entre um casal de namorados em que a relação amorosa mostra a traição como pivô para a decepção e a vingança, transformando o amor em ódio. Como ilustração, além do poema de Meireles, a letra da música “A thin Line Between Love and Hate” do The Persuaders (1971).

### A psicologia do amor na linha do tempo.

As pesquisas em termos psicológicos em torno do amor se iniciaram no início do Século XX com os estudos empíricos dos relacionamentos interpessoais, mais especificamente os casamentos e a paternidade, sob um prisma sociológico, com o que se chamou de Conselho Nacional de Relações das Famílias, formado em 1938, que hoje se chama Jornal do Casamento e da Família, fundado em 1939 (Gottman, 1998). É, portanto, nas décadas de 30 e 40 que pesquisadores como John Bolwby, Harry Harlow, Robert Hinde e Mary Ainsworth estudaram os laços afetivos entre filhos e mães (Bretherton, 1992). Bowlby é conhecido pelo desenvolvimento da Teoria do Apego nas três edições de seus livros *Attachment and Loss*, publicados em 1969, 1973, e 1980, inicialmente envolvendo o estudo da relação entre pais e filhos.

Acreditamos que, na fase infantil, existe uma dependência e confiança da criança em relação aos pais, seus primeiros paradigmas, antes dos professores e grupos sociais com a puberdade. As pesquisas de Bowlby se estenderam, mais tarde (1987) aos relacionamentos românticos, conforme

afirmam Cindy Hazan e Phillip Shaver (1987), que exploraram a segurança, a rejeição, a ansiedade e a ambivalência nas relações amorosas, consideradas estáveis da infância à fase adulta. A relação entre pais e filhos serviriam, desta forma, como base para as relações de amizade e as relações amorosas quando adultos.

Além de Hazan e Shaver, Nancy Collins, Jeffry Simpson e Chris Fraley também estudaram o apego. Collins, por exemplo, e Stephen Read (1990) desenvolveram uma das escalas mais citadas e utilizadas que avaliam os estilos de apego de adultos e, adicionalmente, suas três dimensões, a auto estima individual, a confiança e as diferenças de gênero. Jeffry Simpson conduziu uma extensa pesquisa sobre a influência dos estilos de apego nos relacionamentos, incluindo a documentação de emoções mais negativas e menos positivas expressas em um relacionamento por indivíduos que eram ansiosos ou que se evitavam (2016/2017). Chris Fraley também estudou o apego e se utilizou da teoria de resposta para explorar as propriedades psicométricas de escalas de apego de adultos conforme seus relatos (2000).

Já no final da década de 50, a teoria do apego se expandiu, indo do escopo familiar para as necessidades mais generalizadas intensificadas pelas respostas biológicas, como a ansiedade e a fome (Schachter, 1959), seguidas pela teoria da interdependência de Harold Kelley e John Thibaut (1959), englobada da Teoria da Mudança Social dos anos 50s e início dos anos 60s que descreve as experiências sociais dos indivíduos, custos e benefícios nos relacionamentos (Blau, 1964, Emerson, 2003).

A teoria do Aprendizado Social que surgiu nos anos 40s teve origem nas ideias comportamentais de Clark L. Hull (1930) e B. F. Skinner (1948), cuja articulação ocorre no livro “Social Learning Theory” de Albert Bandura (1971) e oferece alguma similaridade com a Teoria da Troca, se concentrando mais nas desvantagens e recompensas reveladas nos comportamentos e interações entre os pares, como a demonstração de afeto em oposição aos custos e benefícios da relação, mostrando, nas pegadas do psicólogo Lewis Terman, que a causa primeira do sucesso ou fracasso dos casais pode ser encontrada por meio do estudo da personalidade e temperamento dos parceiros envolvidos numa relação amorosa: “The earliest efforts to understand the cause of relationship success and failure focused precisely on this issue of partners’ personalities and temperaments” (Bradbury & Karney, 2019, p. 195). É essa teoria que vai inspirar a Teoria da Coerção de Gerald Patterson (1982), a qual afirma que os indivíduos alimentam os maus comportamentos um noutro sem intenção, conduzindo os parceiros à disforia.

Mas é no final da década de 60 e início dos anos 70s que os estudos dos relacionamentos cresceram e ganharam popularidade por meio da influência de Ellen Berscheid e Elaine Hatfield com o artigo *Perspectives on Psychological Science* (2013). Foram ambas que começaram estudar o amor visto como atração física, duas décadas depois das pesquisas de Hill e dez anos após os estudos de Schachter, Kelley e Thibaut. Elas foram em busca de respostas sobre a atração entre dois indivíduos, o que poderíamos chamar do estudo da paixão (Walster et al., 1966; Berscheid et al., 1969; Dion e Walster, 1972). Além da atração física, estes estudiosos do amor exploraram a escolha que os parceiros faziam e seu apaixonamento, considerando o eixo principal das relações como sendo a saúde humana e o bem estar.

9 I Coríntios, capítulo 13.

10 [https://www.youtube.com/watch?v=zX6ZDjQbqus&ab\\_channel=F%3C%A3deDublagem](https://www.youtube.com/watch?v=zX6ZDjQbqus&ab_channel=F%3C%A3deDublagem)

11 João 21: 15-17.

Numa época predominante masculina, as pesquisadoras receberam críticas do senado de Wisconsin. Para se ter uma ideia, Berscheid recebeu 84.000 dólares da Fundação de Ciência Nacional para o Estudo do Amor e recebeu críticas do senado que alegou que era um gasto desnecessário. A crítica negativa fez com que seu trabalho alcançasse o apogeu em 1974, conforme mostram Reis, Aron, Clark e Finkel em seu artigo *Ellen Berscheid, Elaine Hatfield, and the Emergence of Relationship Science*: “Early researchers widely assumed that passionate love declines once romantic couples become committed to each other, a decline for which, if things go well, growing levels of companionate love compensate. Indeed, it is well established that passionate love typically declines over time” (2013, p. 564). Elas admitem que o comprometimento entre os casais que vivem um amor companheiro diminui com o passar do tempo. No caso da paixão, diríamos, a relação é intensa, mas dura pouco tempo.

Reis, Aron, Clark e Finkel persistiram no estudo do amor enquanto paixão e ampliaram o tema, buscando a diferença entre o amor apaixonado e o amor companheiro. Este primeiro chamamos de paixão e está inserido no eixo do Amor Eros, e o segundo é englobado do eixo adjacente do Amor Filéio, conforme o esquema das Três Dimensões do Amor de Santos (1996)<sup>12</sup>. É, desta forma que, a partir da década de 80 o campo do estudo sobre o amor deslancha com trabalhos de inúmeros pesquisadores que procuram expandir a temática, como o modelo ecológico social de Urie Bronfenbrenner (1997, 1979, 1986), a Escala de Ajustamento Diático, uma das mais citadas na atualidade nos estudos da intimidade dos relacionamentos (Spanier, 1976). Foi Bronfenbrenner que publicou um modelo que integra os múltiplos níveis diferentes, ou domínios do meio ambiente por um indivíduo.

Bronfenbrenner estabelece o microsistema em que os atores se encontram, crianças, pais, amigos, como nos espaços casa, escola e trabalho como primeiro nível. O segundo nível, chamado de mesossistema considera os efeitos combinados de dois ou mais contextos e cenários. O terceiro nível, exossistema, considera, também, os efeitos de dois contextos, mas contem pelo menos um contexto em que o indivíduo não está diretamente presente, como governo, serviço social, mas que afeta o ambiente em que estão, como a casa e o trabalho. O quarto nível é o que chama de macrosistema, em que estão as ações humanas sociais e culturais mais amplas que afetam os indivíduos e, finalmente, a dimensão do tempo que se relaciona com as mudanças do indivíduo nos eventos de sua vida, o que chama de cronossistema. O relato da relação amorosa que utilizamos anteriormente, bem como a breve análise da juventude e velhice no poema de Cecília Meireles poderiam ser integrados no cronossistema sugerido de Bronfenbrenner. Mas, qual a relação entre o amor, a paixão, o companheirismo entre adultos e a infância? A partir do modelo de John Bowlby formalizada no final da década de 60 e início da década de 70, os estudos sobre as relações entre pais e filhos se desenvolveram e serviram de base para o estudo do amor nas relações adultas (Bowlby, 1969, 1973, 1980). São, todavia, os estudos de Harold Kelley, Ellen Berscheid, Andrew Christensen e Anne Peplau (1983) que fornecem

uma visão compreensiva do campo das ciências dos relacionamentos em seu início e identificam suas tipologias. A conclusão das pesquisas de Eli J. Finkel, Jeffrey A. Simpson e Paul W. Eastwick em seu livro *The Psychology of Close Relationships: Fourteen Core Principles* (2016/2017) afirmam que

As we look to the future, it will be interesting to see whether various theories gradually merge into a single, unified theory of relationships or whether some major disagreements will enter mainstream relationship science. As the field continues to mature, it is likely to benefit from simultaneous trends toward greater theoretical unification on the one hand and greater theoretical disagreement on the other. Such trends should refine, deepen, and extend our understanding of how and why relationships function as they do in daily life, potentially providing clinicians and policymakers with more effective tools for helping people achieve deeper and more fulfilling relationships.

Finkel, Simpson e Eastwick sugerem para estudos futuros se verificar se as várias teorias que estudam o amor podem, eventualmente, se unificar numa única teoria dos relacionamentos, ou se há uma corrente principal da ciência das relações. O que temos mostrado neste trabalho é que isso é possível, ao estudarmos o amor em suas três principais dimensões, como sugere Santos em suas pesquisas de 1996/1997. Ocorre que, como descobriram os pesquisadores, cada vez mais que os estudos avançam mais se contempla essa desejada unificação teórica sob a afirmação de que existe um eixo principal do amor, chamado de amor Eros, que agrega como eixos adjacentes outros tipos de amores, como o amor amigo e o amor ágape, ou mesmo estes inúmeros outros tipos de amores sugeridos pelas mais diferentes correntes investigativas psicológicas ou não. Em oposição a este desejo de unificação, existem pontos de vistas que não concordam que seja possível esta unificação, levando-nos a pensar naquilo que já fizeram todas estas teorias que poderiam utilizar, enquanto material base o que já fizeram, para afinar seu escopo como partes de um todo. Teríamos, desta forma, um arcabouço teórico do amor que poderia contribuir com o trabalho dos psicólogos em suas clínicas.

Para se ter uma ideia da abrangência dos estudos e generalizações, tendo como termo oposto as especificações, Arthur Aron examina os relacionamentos entre parceiros românticos, siblings, amigos e pais em *Love and the expansion of self: Understanding attraction and satisfaction*, em que defende que as emoções, as cognições e os comportamentos em torno do amor são a base para a expansão da pessoa (1986). Uma de suas metas é nos levar a pensar também na reunião de todos os dados sobre o amor e na possibilidade de os unificarmos utilizando a ideia da auto expansão com ilustração das implicações teóricas. Seu livro, a partir de uma visão da psicologia social e clínica, é destinado aos psicólogos, sociólogos, conselheiros da família e do casamento e a outros campos do conhecimento como a comunicação, a psiquiatria, a etologia que se empenham e se preocupam com o estudo do amor.

Thomass Malloy e David Kenny desenvolveram o modelo das relações sociais (1986), Toni Antonucci e Hiroko Akiyama (1987) estudaram a amizade e o apoio social entre adultos. Howard Markman, Frank Floyd e Scott Stanley são, no entanto, os pioneiros no desenvolvimento dos estudos em torno das intervenções no relacionamento romântico, cujo foco são os casamentos (1988) e publicam o programa

12 Estes estudos estão publicados em *Passionate Love, Companionate Love, and Intimacy* de Fischer e Stricker de 1982 e “*Measuring passionate love in intimate relationships*” de 1986.

“prevenção, intervenção e relacionamento” em 1995. Um ano depois (1996), Kenny desenvolve os modelos de não independência na Pesquisa Diática, com grande interesse em terapia familiar e no casamento também.

Dentre tantas teorias, a Psicologia Evolutiva é um grupo de teorias que busca compreender os comportamentos dos parceiros como produto da adaptação passada de nossos ancestrais e apresenta uma isotopia que se percebe nos estudos modernos dos processos de relacionamentos e comportamentos segundo resposta da adaptação do indivíduo ao meio em que vive, como seres que devem se reproduzir (Bradbury & Karney, 2019), quando a seleção sexual tem por base as características físicas, sendo que quanto mais atraente for o parceiro (a) mas sucesso terá na competição entre os parceiros.

Bradbury e Karney falam sobre os traços da personalidade, as experiências da infância nas famílias e os primeiros relacionamentos com os cuidadores no livro “Intimate Relationships”(2010), além da temática do amor e qual sua importância, relações íntimas, os mistérios da intimidade, eles abordam ainda as teorias que influenciaram os estudos e os modos de ver esse sentimento que move os corações em todo parte, a Teoria Evolutiva, a Teoria do Apego, a Teoria da Troca Social, A Teoria do Aprendizado e os Modelos Ecológicos. Eles descobriram, por exemplo, que as mulheres, no contexto da Teoria do Investimento dos Pais, comparadas com os homens, tem mais o que perder e foram, do ponto de vista de seus ancestrais, mais seletivas quanto aos seus parceiros. Neste caso, o contexto cultural em que vivem foi relevante. As diferenças entre os desejos femininos e masculinos é o tema de pesquisas mais recentes de Steven Gangstead<sup>13</sup> e Martie Haselton (2015). Os pesquisadores estudaram, por exemplo, as reações dos parceiros durante o ciclo de ovulação das parceiras. David Buss estudou as diferenças sexuais na seleção do parceiro (a) sob o aspecto *cross-cultural*. O ciúme e outros processos do relacionamento que integram as perspectivas evolucionárias em contextos socio culturais. Ele testou hipóteses evolutivas em 37 culturas, as diferenças dentre os pares quanto ao ciúme, a evolução, a fisiologia e a psicologia (1999).

### Psicologia cognitiva e o amor.

Em *Psychological modeling: Conflicting theories* (1971) Albert Bandura já estudava como os observadores formavam um modelo interno do mundo exterior para orientar as suas ações, o papel do reforço na aprendizagem observacional, a eficácia relativa dos modelos apresentados que apresentavam a linguagem não verbal (apresentações pictóricas) e verbal, como o escopo das influências da modelagem e os fatores determinantes do aprendizado por meio da observação. Ele estudou ainda a tipologia de sujeitos mais suscetíveis às influências modeladoras e os modelos mais influentes na modificação do comportamento humano.

Em “Social Cognitive Theory: An Agentic Perspective on Human Nature” (2023) ele explica como suas pesquisas dos últimos cinquenta anos sobre os determinantes do pensamento se destacam quanto a capacidade de ação

13 Jeffry Simpson e Steven Gangstead publicaram obras sobre os processos de relacionamento na perspectiva evolucionária, incluindo aqueles estudos sobre os parceiros que discutem as compensações (enfrentadas pelas mulheres que selecionam um parceiro) entre a aptidão genética de um parceiro potencial para ter filhos e sua disposição de ajudar na criação dos filhos.

das pessoas em relação a si mesmas e nas atitudes do parceiro (a), o que chama de controle. Bandura explica como sua teoria básica e pesquisa foram aplicadas, em todo o mundo, para a melhoria da condição humana, estudando o comportamento moral e o desligamento moral e a aplicabilidade dos princípios básicos da Teoria Social Cognitiva como objeto modal da transformação do indivíduo de forma pessoal e nas suas interrelações. Sua contribuição, classificada por alguns críticos como inovadora, destina-se aos psicólogos que querem trabalhar em sua própria clínica, nas escolas, indústrias ou outras organizações sociais. Algumas pesquisas demonstram que os homens e mulheres possuem doze regiões cerebrais responsáveis pela intensidade das paixões, dos ardentes desejos. Mas será que poderemos chamar isso de amor, ou amor romântico? Pesquisadores como James W. Lewis e Jen Christiansen (2011), por meio de análise comparativa de ressonância magnética do cérebro procuraram revelar as fontes do desejo com grupos de pessoas que experimentavam o que eles chamam de amor apaixonado, maternal ou condicional. O amor, nesta perspectiva, seria uma reação em cadeias, porquanto, regiões cerebrais liberariam neurotransmissores e outras químicas no cérebro e na corrente sanguínea que provocariam a euforia, um estado de grande atração que culminaria com o prazer. No modelo englobante englobado de Santos isto estaria mais para a definição da dimensão do amor Eros, que segundo o estudioso do amor, ainda em 1996-1997, o amor teria três dimensões. Este amor que chamamos de paixão não pode ser concebido como amor maternal, a menos que consideremos o complexo de Édipo, em que o filho se apaixona pela mãe, ou a filha pelo pai. De qualquer forma, a expectativa de Lewis e Christiansen é de que, no futuro, a partir de suas pesquisas, pessoas em estado de depressão possam ser beneficiadas por profissionais da área da psiquiatria que seriam capazes de ajustar essas químicas em seu cérebro. A disforia, esse grande estado de dor, a angústia, culminando com a depressão pós um relacionamento problemático e desastroso poderia, assim, ser removida ou amenizada por meio de medicina apropriada.

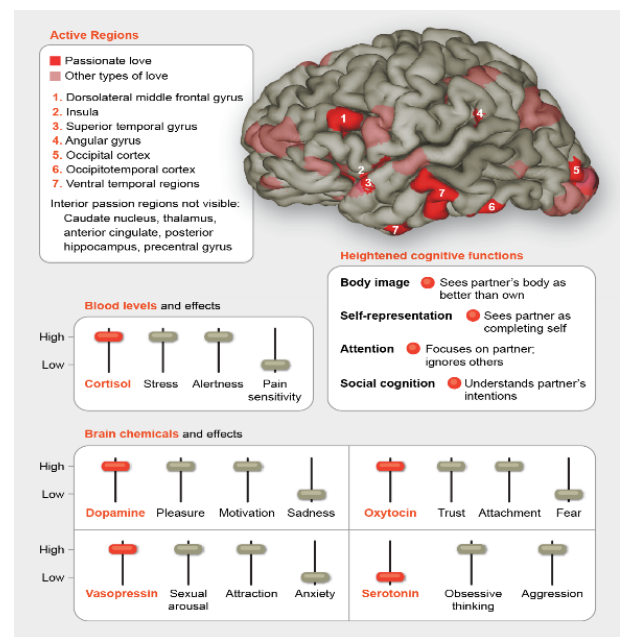


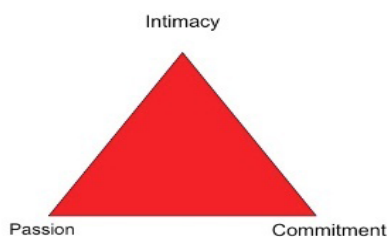
Figura II: The Brain in love. Fonte: (Ortigue, 2011/Lewis & Christiansen, 2011)

Afirmam Lewis e Christiansen que a paixão eleva as funções cognitivas com a elevação química das regiões cerebrais, o que Stephanie Ortigue (2010) vai chamar de interação da rede do amor. Ortigue analisou imagens de ressonância magnética um ano antes de Lewis e Christiansen e descobriu que os tipos de amor envolvem redes cerebrais distintas, como as funções cognitivas superiores que mostram a “cognição social” e “representação própria do corpo” (2010)<sup>14</sup>. Ela compara o que chama de “amor apaixonado”, espécie de termo englobante em que inclui o amor materno, amor incondicional e o amor que sentimos pelos amigos.

Esse “amor apaixonado” estaria incluído no esquema de Santos como englobado do eixo do amor erótico. O “amor incondicional” poderíamos situá-lo como uma espécie de amor ágape. O “amor que sentimos pelos amigos” pode ser inserido no eixo do amor filéu.

Essa expansão do estudo das tipologias do amor, como faz Ortigue, é complicada, porque acaba nos levando para longe do propósito de concentrar as experiências amorosas e estabelecer uma definição mais concisa e englobante deste sentimento. Desta forma, não podemos chamar ou confundir amor com paixão, por exemplo. Ela chega a dizer que o amor que sentimos pela nossa parceira romântica ativa uma rede similar aquela ativada pelo amor que sentimos pelo nosso melhor amigo. É certo que nosso grande amor pode ser também nossa grande amiga, mas não podemos afirmar que o amor que sentimos pelo ser amado é o mesmo que sentimos por nosso melhor amigo. São diferentes tipos de amor. Um é erótico, o outro é filantrópico. Num ponto, todavia, concordamos com Ortigue, quando ela afirma que perder um de nossos relacionamentos de amor importante pode desencadear a depressão.

Não vamos discutir aqui os graus de intimidade, paixão e compromisso de Robert Sternberg desenvolvidos em 1980, nem tampouco os sete componentes de cada um deles na tipologia do amor, mas vale a pena mostrar o seu triângulo amoroso:



**Figura III:** O Triângulo Amoroso de Sternberg. Fonte: (STERNBERG, 1984/1986)

Apesar do desafio de se definir o amor como vimos anteriormente, poucos pesquisadores sugerem uma teoria sobre o conceito do amor. A teoria de Sternberg surge como uma exceção, uma vez que propõe os vários graus de intimidade, de paixão e compromisso nas relações amorosas ao longo do tempo e não se nega aqui sua importância.

Sternberg toma essa teoria triangular do amor como espécie de eixo principal de onde extrai uma série de tipologias do amor nas relações amorosas e sexuais. Desta forma, a intimidade envolve sentimentos de proximidade, conexão e vínculo, a paixão os desejos que conduzem à atração física e a consumação do ato sexual e o compromisso, que é uma espécie de tomada de decisão do parceiro de ficar com a companheira por conta de objetivos que têm em comum. Nesta perspectiva, os parceiros envolvidos na relação buscam o equilíbrio entre a necessidade psicológica do sexo e do amor propriamente dito. Estes três componentes interagem entre si e sua combinação acaba por criar outros tipos de amores, como a amizade em que se tem a intimidade e o parceiro gosta da outra pessoa, mas não se tem a paixão e o compromisso como no sentido romântico do termo. A amizade, desta forma, seria o eixo principal das outras formas do amor, diferente da proposta de Santos em que a amizade surge como uma das três dimensões do amor. Nas pesquisas de Santos, mostrou-se que 99% das relações entre os jovens têm como eixo principal o amor Eros. Essa tipologia de amor está mais para o eixo do amor Eros do esquema de Santos.

A segunda tipologia do amor pode ser chamada de paixão e a palavra usada em inglês é “infatuation”, que se traduz por uma paixão intensa e passageira, ou admiração por alguém e por algo. Se formos buscar a definição para a palavra “passion”, também em inglês, veremos que quer dizer uma emoção forte raramente controlada. Parece-nos, assim, que “infatuation” seria um termo englobante e “passion”, um termo englobado, sendo que o primeiro se caracteriza pela luxúria e paixão física em que não se tem o amor amigo e o compromisso, e, o segundo, é apenas uma forte e incontrolável emoção. É termo englobado pelo amor Eros nas dimensões de amor sugeridas por Santos.

O terceiro tipo de amor, chamado de “amor vazio”, tem como componente o “compromisso”, sem a exploração da paixão ou intimidade em que essa emoção forte, às vezes, pode se transformar em nada, ou em tudo, ao mesmo tempo, como um casamento como nos moldes antigos, em que os pais escolhiam o esposo para a filha. A relação poderia começar “vazia”, no “nada” e poderia fazer gerar outra forma de amor com o passar do tempo. Poderíamos inserir este amor na dimensão do amor amigo (Philo Love) sugerido por Santos.

O quarto tipo de amor é o “amor romântico” que engloba a intimidade e a paixão em que os casais dialogam sobre as questões de intimidade e gostam do afeto e da paixão sexual. Todavia, seus planos futuros ainda não estão delineados. Este tipo de amor se encaixa na dimensão do amor erótico de Santos.

O quinto tipo de amor é o companheirismo, cujos componentes seriam a amizade e a intimidade, quando um companheiro gosta do outro, ou se sente atraído (a) pelo outro, mas não chega a consumir o desejo sexual. É uma espécie de sentimento mais forte que a amizade, porquanto é mais duradouro, mas há o mínimo de desejo, ou nem mesmo nenhum desejo sexual, como nos casamentos em que a paixão acabou, mas o casal ainda mantém o afeto e um vínculo forte. Este tipo de amor ainda pode ser visualizado nas relações entre membros de uma família, ou entre amigos próximos o que o colocaríamos como englobado do amor amigo de Santos.

<sup>14</sup> Ortigue escreveu sobre o assunto em *Neuroimaging of Love: fMRI Meta-Analysis Evidence toward New Perspectives in Sexual Medicine*, publicado no *Journal of Sexual Medicine*.

O sexto tipo de amor é o “amor tolo” que envolve o compromisso e a paixão, sem a amizade e a exploração da intimidade. Seus aspectos marcantes são a turbulência e a impulsividade. Se uma relação tem por base o “amor tolo” só sobrevive pela sorte. Um tem uma forte e incontrolável emoção (paixão) pelo outro, age pelo impulso, mas não chega a ter o sexo como ponto principal, sem a exploração da intimidade. Talvez o englobemos na dimensão do amor amigo de Santos.

O sétimo tipo de amor é o “amor consumado” que seria uma espécie de amor mais abrangente, porquanto engloba a intimidade, a paixão e o compromisso, representando o relacionamento ideal em que os casais têm relevantes relações sexuais à longo termo e não conseguem se imaginar com ninguém mais e nem tampouco felizes um sem o outro. No amor consumado, o casal se esforça para gerenciar as diferenças vencer os elementos estressantes da relação amorosa. Esta tipologia de amor podemos inserir na dimensão do amor ágape como eixo principal da relação na proposta de Santos.

Mas são as histórias de amor entre casais que nos permitem falar e tentar entender o amor. Passemos, neste momento, portanto, a refletir sobre o amor, tomando, por análise, dois relatos de histórias de amor envolvendo um casal, cujo sentimento de amor é transformado ao longo da relação, por conta da diferença de idades e a ação do tempo, com inspiração no poema “Retrato” de Cecília Meireles que mostra a efemeridade da vida e a passagem da juventude a velhice e o caso de amor entre dois namorados tipificado pela traição que gerou a decepção, a vingança, o amor e o ódio. Como inspiração para se falar da traição, fazemos, também, uma breve análise da letra da canção “It’s a Thin line Between Love and Hate” (1971)<sup>15</sup>, sucesso na voz de Chrissie Hynde, do The Pretenders (1984).

#### Interface psicologia e semiótica: De um estado de coisas a um estado de alma

As teorias ecológico-sociais que têm sua raiz na sociologia e antropologia e levam em conta o meio ambiente e o contexto em que as pessoas vivem forneceu o modelo ABC-X, arcabouço teórico de Reuben Hill, desenvolvido para a análise de como as famílias gerenciavam e se adaptavam diante das crises que surgiam em seus relacionamentos (HILL, 1949). Forças exteriores influenciam os relacionamentos, não importa se nas relações sociais entre indivíduos, como nas relações dentre os membros da família, relações de amizade e mesmo nos relacionamentos românticos (Berscheid, 1999). Essa questão do externo influenciando o interno pode ser observado por meio do quadrado semiótico da atração e repulsa, se fizermos uma interface com a semiótica.

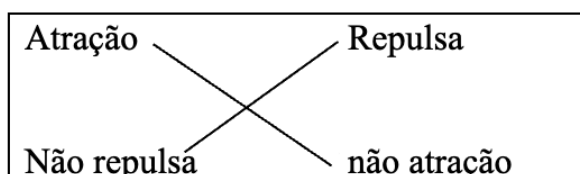


Figura IV: Quadrado semiótico da atração e repulsa. Fonte: Os autores.

Algirdas Julien Greimas e Joseph Courtés criaram o quadrado semiótico das categorias tímicas, “motivada pelo sentido da palavra *timia* (cf. grego *thymós*, “disposição afetiva fundamental”), que “serve para articular o semantismo diretamente ligado à percepção que o homem tem de seu próprio corpo” (2012, p. 505). A Categoria Tímica, desta forma, “se articula, por sua vez, em *euforia/disforia* (tendo *aforia* como termo neutro) edesempenha um papel fundamental na transformação dos microuniversos em axiologias: conotando como eufórica uma dêixis do quadrado semiótico e como disfórica a dêixis oposta” (Greimas & Courtés, 2012, p. 505). A euforia é um termo emprestado por Greimas de Sigmund Freud que quer dizer “grande prazer” e o semioticista lituano o define como “o termo negativo da categoria tímica, que serve para valorizar os microuniversos semânticos – instituindo valores negativos – para transformá-los em axiologias” (2012, p. 149). O quadrado semiótico da categoria tímica pode ser assim articulado:

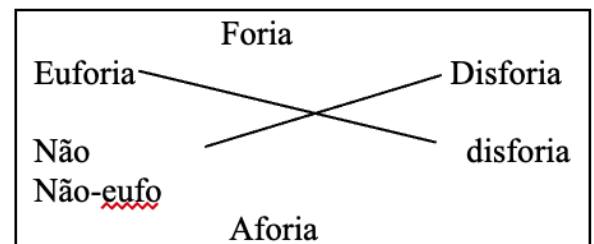


Figura V: Quadrado semiótico das modalidades tímicas. Fonte: Os autores.

Se a auforia é o “grande prazer” freudiano, a disforia será “a grande dor”, que acompanha a maioria dos relacionamentos amorosos que têm o amor Ertos como eixo principal da relação, como vimos nas pesquisas de Santos (1996-1997). A foria é o estado de consciência do sujeito e, a aforia, o estado de inconsciência, como podemos detectar, por exemplo, no apaixonamento, quando o corpo ou os corpos dos sujeitos estão propensos a explorar os desejos. Raúl Dorra enfatiza que, se é através do corpo que percebemos que o mundo se converte em significado, é através da enunciação que o falante se torna sujeito. A enunciação é, assim, o mediador das especificidades do sentimento. Desse ponto de vista, é a enunciação que, instalada no sujeito, dá lugar ao que é proprioceptivo. Seguindo esse raciocínio, pode-se dizer que a interoceptividade e a exteroceptividade são “dos direcciones que toma la experiencia de lo proprioceptivo” (1999, p. 257). Nesta perspectiva, existem dois corpos, o que Dorra chama de corpo que sente e corpo sentido.

O sentimento ocorre incessantemente em uma espécie de corrente, e é o corpo que sente que faz suas medições, detectando e distinguindo os tipos de sensações, como euforia ou disforia, que aparecem em primeiro plano. No fundo, surge atração ou repulsa. Essas sensações se manifestam nessa corrente de impulsos e desencadeiam um processo passional que manifesta o positivo, ou o negativo, ou mesmo a mistura de ambos. Essas primeiras sensações, então, produzidas no sujeito, permitirão ao corpo “reconhecer as outras que são coloridas por nuances éticas ou estéticas” (1999, p. 258). Um exemplo é o corpo como o “eu” lírico

<sup>15</sup> A gravação original data de 1971 por meio da banda The Persuaders. Tradução nossa para o título da canção “A thin line between love and hate”.

vê, no presente, que causa a perturbação no sujeito em “Retrato”, poema de Cecília Meireles (Santos, 2020). No poema estudado, a categoria semântica que se aflora é da juventude e velhice<sup>16</sup>.

### O relato de um caso de “amor” e o poema “Retrato”, de Cecília Meireles

Numa relação amorosa, em que o amante é mais velho que a amada, 13 anos de diferença, por exemplo, ou mesmo mais, há quem diga que a pessoa mais velha está em busca da recuperação da juventude que perdeu, por isso, procura se relacionar com alguém mais jovem. Conhecemos um casal que serve de ilustração em que, perto das bodas de prata, quase 25 anos de de vida matrimonial, a amada cobra um papel de jovem viril do amado que ele não pode mais lhe dar por causa da idade e de uma série de moléstias que adquiriu ao longo do tempo, como problemas de insuficiência cardíaca e a diabetes que fragilizaram sua ereção durante as relações sexuais, que diminuíram de quantidade e perderam a qualidade ao longo dos anos. A disforia surge com a descoberta de que seu rosto não é mais o mesmo e que seu corpo também não é. Como ouvimos no relato deste casal, ela diz que ele não passa de um velho fedorento, rabujento e que não funciona mais, uma espécie de “pinto mucho”, como ela diz, um “pinto murcho”, segundo a grafia correta, se nos permitem, que mais se aproxima de um “pinto morto”, posto que está sem viço e vigor, quando o sujeito está sem ar, sem força e ânimo. O sujeito “finge” não ver o tempo passar e esse é um estado afórico, situado entre não disforia e não euforia. Quando ela vê as marcas no corpo daquele que diz ter amado um dia, ela se vê envolvida pela foria, o estado de consciência, situado entre euforia e disforia.

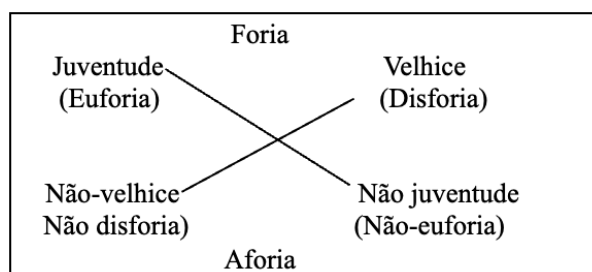


Figura VI: Quadrado semiótico da juventude e velhice. Fonte: Os autores.

É essa consciência e/ou inconsciência que pode ser revelada através do tímico (e patêmico = paixão, pathos) em que o ser vivo é possuidor de conotações psicofisiológicas (Greimas & Courtés, 1979, p. 357). Esse sujeito reage de acordo com as mensagens que recebe do ambiente de maneira repulsiva ou atraente. Quando a amada que tomamos por ilustração percebe a imagem do ser que era amado no passado, quando era jovem, em sua forma física, quando ela percebe que seu rosto não é mais o mesmo, ela é afetada em seus sentimentos, em seu mundo psicológico. Isso implica dizer que não é possível falar sobre sentimentos e percepções sem antes considerar a categoria exteroceptividade/interoceptividade que, para Greimas, é hierarquicamente superior à categoria tímica,

porque é “empregada para classificar o conjunto das categorias sêmicas de um universo semântico” (1979, p. 462). Assim, a categoria tímica é englobada pela categoria interoceptivo/exteroceptivo. É por isso que se afirma que o corpo é o mediador da percepção de que as coisas fora do sujeito, do mundo representam e, portanto, se tornam em sentido, em língua (1993, p. 13). Essas “figuras exteroceptivas”, para Greimas e Fontanille, “são internalizadas” e a “figuratividade pode então ser concebida como o modo de pensar do sujeito” (1993, p. 13). Como Dorra coloca, é o pensamento do mundo e sobre si mesmo que constitui uma paixão, englobada, diríamos nós, do eixo principal da relação, o amor Eros.

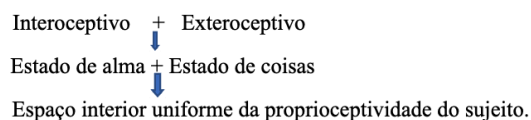
Em “Retrato” há um sujeito apaixonado, porque é como se o narrador estivesse no texto; o “eu” da enunciação, para expulsá-la do texto em uma mudança actorial, temporal e espacial em direção ao vasto mundo da enunciação, como que perdendo a consciência (aforia) de si mesma, da passagem do tempo e do lugar que ela ocupa no tempo presente. Como Dorra afirma, só é possível pensar em um sujeito apaixonado quando existe a auto-expulsão do sujeito do texto, sua projeção em relação ao mundo para refletir sobre si mesma. Ela se olha no espelho e vê as marcas da velhice em seu rosto, embora calmo, “triste, magro”, os olhos “tão vazios”, o lábio “amargo”, as mãos “sem força, tão paradas e frias e mortas” e “este coração que nem se mostra”. As rugas e os sinais do envelhecimento inevitáveis nos levam a enxergar um sujeito cujo estado de alma é completamente disfórico. No caso do parceiro da amada de nosso relato ilustrativo, não só estes traços da idade que chegou, como aqueles do “eu lírico” do poema de Meireles, mas também o câncer, a artrose, a artrite, a gota, a obesidade, a insuficiência cardíaca e a diabetes vinheram a somar e estabelecer um retrato não mais desejado, momento em que a atração pela beleza da juventude se transforma numa rejeição declarada que chega a deixar seu velho parceiro em situação de humilhação.

O “eu” lírico de “Retrato” busca encontrar o espelho em que perdeu a face jovem. O parceiro de nosso relato ilustrativo busca incansavelmente lutar contra a morte súbita diagnosticada pelos seus médicos na esperança de que sua baixa fração cardíaca (21%) volte para a fração normal de 55%, na expectativa de que possa amenizar a rejeição sofrida.

Para Greimas e Fontanille, não é possível que o sujeito epistemológico da construção teórica esteja livre da contaminação tímica, porque ele não pode, não consegue se apresentar como puro, racional, cognitivo. Em sua trajetória na direção do advento da significação e de sua manifestação discursiva ele sempre encontra um estágio de sensibilização tímica (1993, p. 14). Nesse aspecto, o corpo acaba sendo o mediador de uma homogeneização, aquela mistura entre a forma externa e a interna que resulta no mesmo aspecto do conteúdo em seu interior. É o corpo que sintetiza o exteroceptivo e o interoceptivo pela proprioceptividade somática do sujeito de estado que passa a revelar um estado de alma e a sincretizar, como uma solução química, que após a mistura apresenta um mesmo aspecto e concentração interior, sua percepção de si mesma e a percepção do mundo, suas reações disfóricas no caso da repulsão e eufórica, no caso da atração, ambos apresentados como um único produto. Veja o esquema que segue para melhor compreensão:

16 Leia-se, ainda, “Da Efemeridade à Nostalgia na Poesia de Cecília Meireles”, publicação de 2023.





**Figura VII:** Esquema da exteroceptividade/introceptividade. Fonte: Os autores.

O corpo sente e isso não pode ser ignorado. O que é adequado e eficaz do corpo é o sentimento. São as categorias proprioceptivas que tornam o sujeito sensível e patêmico. Desse ponto de vista, o “eu” lírico de “Retrato” de Meireles é um sujeito passional, porque deseja manter a juventude, mas não é capaz. Para ela continuar jovem, ela precisa parar de envelhecer. É o fato de não ser capaz de parar o tempo que coloca esse sujeito em uma junção, disjunta da juventude. Este é o seu dilema. Não consegue evitar o envelhecimento. Ela permanece apenas no desejo e essa é sua frustração. Sujeito volitivo. A mudança é o fenômeno que gerou uma visão desfiguradora do envelhecimento. É o aspecto «real» de seu rosto no presente, oposto ao passado, que a desaponta. Não consegue se manter jovem, como o personagem de nosso relato.

Segundo Greimas, proprioceptividade é um termo complexo ou neutro e é um classificador do conjunto de categorias sêmicas que denotam os resultados semânticos a partir da percepção que o ser humano tem de seu próprio corpo (1979, p. 357). É uma espécie de sinônimo de timia, pois contém significados psíquicos e fisiológicos. O ser humano, percebendo seu corpo, lhe dá um significado. Para percebê-lo, no entanto, é preciso senti-lo.

A psicologia da percepção chama exteroceptividade e interoceptividade como propriedades originárias do mundo exterior. São os dados interoceptivos que não encontram correspondência neste mundo externo ao sujeito e que são pressupostos pela percepção dessas propriedades exteroceptoras. Finalmente, é “A percepção do homem do seu próprio corpo” (1979, p. 175).

Em “Retrato”, seu rosto e outras partes do corpo mostram seu envelhecimento. Eles estão expostos e visíveis ao mundo exteroceptivo e provocam um choque psicológico, uma angústia de não poder descobrir o rosto que ela costumava ter. O corpo, como Greimas coloca, é o mediador da percepção de que “o mundo transforma-se em sentido – em língua -, que as figuras exteroceptivas interiorizam-se e que a figuratividade pode então ser concebida como modo de pensamento do sujeito” (1993, p. 13). O pensamento desse sujeito narrativo revela sua frustração, embora admitindo que a mudança foi “tão certa”, “tão fácil”, implacável.

Como estabelece Greimas, é aí que estamos na presença de um sujeito metacognitivo, posto que tem consciência sobre a existência de um estado de coisas do mundo exterior que domina sobre o sujeito em seu interior (2002/1986). Esta percepção, essa metacognição nada mais é que a apreensão da perda do bem, de algo bom, o que revela a disjunção do sujeito de um objeto de valor com o qual ele estava em conjunção num tempo anterior (2002/1986). É assim que Greimas chega à concepção de meta-sujeito, aquele que sabe sobre a estrutura de comparação destes dois estados do sujeito, o estado de coisas e o estado de alma, do sujeito em conjunção, ou em disjunção de seu objeto de valor no eixo da temporalidade.

Para Greimas, a “estrutura da comparação de dois estados do sujeito”, como conjunto e disjuncto é realizada pelo pelo metasujeito a partir de sua percepção sobre a existência de um eixo temporal que envolve, no caso de “Retrato”, e do par de nosso relato, iusto é, a categoria semântica do passado ( $S \cap Ov$ ) e o presente ( $S \cup Ov$ ). O estágio da juventude corresponde à durabilidade da vida e aponta para o estágio do envelhecimento, quando ocorre distensividade, levando ao fim. Marcas presentes, como a ausência de juventude e a presença do envelhecimento. A privação da juventude, a perda, a falta dela que leva o sujeito à dimensão tímica, à disforia, essa imensa dor, como o caso do sujeito moribundo da relação “amorosa” que ilustramos.

### Traição e vingança: Uma linha tênue entre o amor e o ódio?

Canta Chrissie Hynde que “há uma linha tênue entre o amor e o ódio”<sup>17</sup> (1984), uma espécie de aviso sobre à indiferença do parceiro que, num mundo machista, chega em casa as 5 da manhã e a parceira o recebe com uma doce voz sem questionar onde ele esteve e lhe pergunta se está com fome, pendura seu casaco, pede seu chapéu, sempre sorrindo e sem elevar o tom de sua voz. Este cenário é adequado para mostrar a indiferença. Não se sabe se ele veio de uma “noitada” de divertimento, ou se chegou de um turno de trabalho à noite.

Ao considerarmos a segunda estrofe da canção, a descrição da letra nos mostra que se trata de uma relação amorosa em que o parceiro magoa a parceira por esse comportamento de indiferença: “Don’t think you can keep breakin’ your woman’s heart”. Curtir a noite toda e chegar em casa as 5 da manhã, esperando um comportamento passivo da amada, parece o fruto de uma sociedade machista em que o homem pode fazer o que quiser da mulher, porque ela o vai aceitar na passividade de sua casa, não importa a hora que ele chegue, ou o que faça durante à noite. Mas o aviso soa como uma manipulação por provocação que tem em si uma intimidação, porque arremata: “She gon’ fool you one day”.

A analogia do amor e do ódio surge na letra da canção por meio dos adjetivos “sweet” e “mean” em seu grau superlativo em que podemos opor “a mais doce mulher” à “mulher mais cruel”. A indiferença seria, deste modo, o destinador da transformação do estado de alma da parceira, em que a doçura está para o amor e a crueldade está para o ódio.

A isotopia da indiferença pode ser captada pelo comportamento da parceira que assume uma atitude passiva diante do comportamento do parceiro, ao abrir a porta quando ele chega, já de madrugada, o deixa entrar, não pergunta onde ele estava, lhe oferece comida, lhe pendura o casaco, lhe pede que lhe passe o chapéu, sorri, nunca eleva o tom da voz, ao contrário, lhe fala com uma voz doce, e senta-se, como sujeito da espera. Essa indiferença, no entanto, podemos flagrar em ambos os parceiros. Nele, porque a trata como submissa e passiva as suas ações e, nela, porque parece aceitar aquele contrato fiduciário, o relacionamento, em si, que ocorre daquela forma.

<sup>17</sup> A gravação original data de 1971 por meio da banda The Persuaders. Tradução nossa para o título da canção “A thin line between love and hate”.

A advertência do narrador posto na letra da canção nos informa que de que ela pode mudar um dia, sair dessa situação de indiferença, de doçura para se transformar em alguém que vai enganá-lo um dia e, por isso, ser cruel, amarga, nutrir um sentimento de vingança por conta do tratamento que tem do parceiro. Ela vai se vingar! Esta é a mensagem que aparece na interpretação do narrador:

The sweetest woman in the world  
Could be the meanest woman in the world  
If you make her that way  
You keep on hurtin' her, she keeps being quiet  
She might be holding something inside  
That really really hurts you one day

A tese deste narrador é aquela de que se você não quer que seu parceiro assuma um comportamento de revanche, chegando à vingança, ou mesmo à traição, na pressuposição lógica de que foi traída, então, não deve ser indiferente quanto ao seu comportamento, sua maneira de tratá-la, na perspectiva da reciprocidade do sentimento de amor, ou mesmo de ódio, porque “there’s a thin line between love and hate” e as ações falam mais que as palavras: “I guess action speaks louder than words”.

O aviso “Don’t think you can keep breakin’ your woman’s heart” informa que há uma manipulação por intimidação do enunciador a nós, enunciatários, de que precisamos não magoar a pessoa amada. O verso “And she’ll sit back and enjoy it” mostra a indiferença. “She gon’ fool you one day”, a vingança. É, portanto, o nosso comportamento que vai desencadear essa ou aquela reação, o amor, ou o ódio e, neste caso, você poderá acabar no hospital, “Bandaged from feet to head”, “In the state of shock”. As machucaduras do amor levam o ser humano a comportamentos inusitados, a um estado de alma disfórico, um estado de choque. O elemento surpresa pode surgir, quando não esperamos, nos levando a uma situação moribunda: “Just that much from being dead”. Afinal de contas, “I didn’t think my woman could do something like this to me”. Eis aí o elemento surpresa: “I didn’t think the girl had the nerve”. Chegou a conclusão, ao final, que suas ações provocaram o revés. “here I am. I guess action speaks louder than words”. O não pensar nas nossas ações diante do ser amado nos leva às situações desagradáveis e inesperadas. Subestimar a capacidade de reação, a aparente indiferença de alguém diante dos maus tratos é uma ingênua ignorância. Um péssimo comportamento que um parceiro pode revelar ao outro está tematizado nas advertências “It is a thin line between love and hate”, “Don’t think you can keep breakin’ your woman’s heart”, “The sweetest woman in the world/Could be the meanest woman in the world”, “Don’t think you can keep treatin’ your woman bad/And she won’t ever get mad”.

A conclusão do texto musicalizado nos informa sobre o programa narrativo da traição, o troco: “She’s gonna fool you one day” e essa parece ser a linha tênue que existe entre o amor e o ódio, porque “Every smilin’ face ain’t a happy one”. Vejamos que a repetição do título da canção, do início ao fim, intermediando os outros versos de efeito, vem reforçar a temática do amor e do ódio, embora, neste caso da música, possamos até pensar na indiferença como o oposto do amor, nesta linha tênue que, ao invés de separar, acaba por cruzar esses dois sentimentos que, no nível da aparência, parecem opostos.

## Amor e ódio são face da mesma moeda?

Santos (1996/1997) traz à tona o relato de um relacionamento de um rapaz com uma moça que já durava quatro anos. O rapaz, após experiências espirituais, falou que havia traído a parceira durante o namoro e que queria começar de novo, agora, sob uma base espiritual, como se aderisse a sugestão de Santos de inverter os eixos do amor para se resolver os problemas de sofrimento e dor, quando se tem os relacionamentos centralizados no amor erótico. O rapaz queria que o amor ágape que agora conhecera fosse o eixo principal da relação, deixando o amor filé e erótico circularem ao seu redor:

Aquele rapaz havia se convertido interiormente, devido a algumas experiências profundas que teve com Deus e agora algo em seu interior revelava que, o que vinha fazendo, estava errado. Não queria mais estar enganando a namorada, porque descobrira que estava enganando a si mesmo. Um constrangimento santo adentrara à sua casa e ele não era mais o mesmo. Queria começar tudo de novo. Descobriria que o que o mantinha preso à amada era mais uma relação física, carnal e sexual que propriamente amorosa e celestial. Ele a desejava ardentemente, porque se dava bem na cama, mas era perseguido pela insegurança daquela garota que não confiava em sua sinceridade. Às vezes brigavam muito por questões de ciúmes (SANTOS, 1997, p. 34).

O resultado da confissão e a proposta desse novo contrato fiduciário causou muito pranto, dor e sofrimento, mas sua namorada aceitou a proposta, porém sua insegurança aumentou e ela não era mais feliz. O sentimento de vingança passou a ganhar o seu coração e, num período de um “tempo” que pediram um ao outro, ela acabou dando o troco. Ele descobriu que ela “havia tido uma relação com outro. Embora não estivessem namorando naquela ocasião, o fato dela ter conhecido outro homem o deixou arrasado” (Santos, 1997, p. 34). Este caso de amor serve-nos de ilustração para o a possibilidade de que o homem parece sofrer mais com a traição que a mulher. Santos atribui isso ao fato de sermos frutos de uma sociedade machista, que não admite ao homem ser traído, mesmo que a traição à mulher seja considerada algo normal. Serve-nos, ainda, para mostrar que amor e sexo são sentimentos diferentes e que a honestidade na relação amorosa, por mais que provoque dores, pode facilitar a aceitação da traição, mas a depressão pode ocorrer misturada por um sentimento de não perdão e vingança.

Os autores do “Dicionário de Psicanálise Larousse” da série Artes Médicas organizado por Roland Chemama, afirmam que “o sujeito pode, com bastante frequência, passar a odiar o ser que amava: também pode ter sentimentos mesclados, sentimentos que unem um profundo amor e um ódio não menos poderoso pela mesma pessoa: esse é o sentido mais estrito que é possível dar à noção de ambivalência. Essa ambivalência é explicada pela alienação que pode existir no amor: para quem abdicou de toda a vontade própria na dependência amorosa, é possível se conceber que o ódio possa acompanhar o apego passional, “o enamoramento” (Chemama, 1995).

## A ambivalência do amor.

A base da ambivalência amor e ódio simultâneos é a alienação do amor. Entenda-se por alienação a alheação, o arrebatamento, a transferência de domínio para outrem, o tornar alheio, estranho. Não vamos entrar aqui na defi-

nição do termo do ponto de vista filosófico. Hege1 diz que a alienação é um “processo essencial à consciência e pelo qual ao observador ingênuo o mundo parece constituído de coisas independentes umas das outras, e indiferentes à consciência” (Longman, 1992, p. 613). Sob este prisma, Ortigue está certa em suas pesquisas ao estudar o amor. Não queremos, tampouco, focalizá-la segundo a visão marxista, onde a alienação é “uma situação resultante dos fatores dominantes da sociedade caracterizada pela produção de coisas que se separam dos interesses e alcance de quem as produziu para se transformarem em mercadorias num sistema capitalista ou mesmo a falta de consciência política e social” (Longman, 1992, p. 816). Não é esta a definição que buscamos abordar aqui, mas do ângulo psiquiátrico. A alienação do amor é a indiferença, provocada pela decepção, a falta de consciência e reside entre a renúncia da vontade própria, por depender do amor, e não raro se transforma em ódio, que pode se fixar neste apego suscetível de paixão, que é o encantamento.

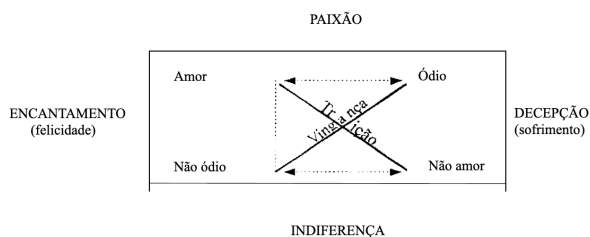


Figura VIII. Quadrado semiótico do amor e do ódio. Fonte: autores.

Segundo o Dicionário de Semiótica de A. J. Greimas/J. Courtés, “compreende-se por quadrado semiótico a representação visual da articulação lógica de uma categoria semântica qualquer (2012, p. 400). Em nosso caso, a categoria semântica principal dester relato é o amor e o ódio. O quadrado semiótico é “A estrutura elementar da significação, quando definida - num primeiro momento - como uma relação entre ao menos dois termos”(2012, p. 400). Essa

distinção de oposição que caracteriza o eixo paradigmático da linguagem: ela é, portanto, suficiente para constituir um paradigma composto de n termos, mas não permite por isso mesmo distinguir, no interior desse paradigma, categorias semânticas baseadas na isotopia (o “parentesco”) dos traços distintivos que nele podem ser reconhecidos. Faz-se necessária uma tipologia das relações, por meio da qual se possam distinguir os traços intrínsecos, constitutivos da categoria, dos traços que lhe são alheios.

A estrutura elementar da significação em nossa análise pode ser assim representada, em que o eixo dos contrários mostra o amor e o ódio como categoria semântica principal, tendo o não ódio e não amor como eixos contraditórios. Cruzando esse jogo de oposição, a traição e a consequente vingança.

Entre o amor e ódio, como termo intermediário, tem-se a paixão, destinadora das obras da carne, do desejo, da atração física que não mede consequências, deixando o indivíduo em busca do prazer. Por essa razão, não podemos confundir ou chamar a paixão de amor, muito menos de amor romântico, como quer Ortigue.

Quando o ser envolvido na relação amorosa não odeia ou não ama a outra pessoa, temos, então, como termo intermediário do eixo dos contraditórios, a indiferença. Seria possível, depois de uma traição e da vingança, flagrar os parceiros de amor indiferentes? A paixão levaria a consumação dos desejos, da traição propriamente dita. A in-

diferença à traição funcionaria, assim, como uma espécie de perdão e a vingança não teria como acontecer. A paixão levaria, fatalmente, ao encantamento, ou o encantamento conduziria à paixão?

O encantamento é um estado de alma que leva a consumação do desejo, de uma paixão passageira e não mede consequências. Embora coloquemos o encantamento como “felicidade”, essa é efêmera, como também é fugaz a paixão. O amor, desta forma, é uma outra coisa. E o ódio é o propulsor da revanche, da vingança. O amor e o ódio não podem, ser, assim, faces da mesma moeda.

Como diz Santos, “Amor e ódio aqui se sustentam no arrebatamento de um ser para a vida do outro, que terá sobre ele o domínio que lhe foi transferido” (1997, p. 34). No relato de amor destes namorados, a salvação estaria na tomada do amor ágape, nas três dimensões de amor propostas por Santos, como eixo principal da relação, porque o amor ágape, parafraseando Paulo, tudo sofre, tudo suporta, nunca falha, sendo o único, capaz de perdoar e recomeçar.

## Conclusão

Erich Fromm, depois de falar do amor entre os pais e filhos (1956, p. 38), afirmou também que há outras manifestações do amor como o amor fraterno (1956, p. 47), o amor erótico (1956, p. 52), o amor próprio (1956, p. 46) e o amor a Deus (1956, p. 63). O amor fraterno de Fromm tem alguma semelhança com o amor amigo de Santos, bem como o amor erótico, mas o amor próprio e o amor de Deus diferem da proposta de Santos do amor ágape, que é o amor espiritualizado, não aquele que você sente por Deus, mas aquele que é a base para a relação amorosa.

As disforias nas relações amorosas, a instabilidade, as paixões flamejantes que são intensas, mas que são, ao mesmo tempo frágeis apontadas por Santos em suas pesquisas com seus jovens alunos, são latentes nas relações amorosas de 99% dos jovens alunos entrevistados.

O poema “Retrato” de Cecília Meireles que mostra o envelhecimento serviu-nos de inspiração na análise da história de um casal de idades diferentes cujo relacionamento ainda persiste graças à colocação do amor ágape como eixo principal, apesar da situação, por vezes, disfórica por conta do tratamento que chega ao desrespeito humano da esposa em relação ao esposo.

Os versos de “A Thin Line Between Love and Hate” nos serviram de instrumento para a verificação de que é possível que a traição gere o programa narrativo da desforra como ocorre na relação do casal de namorados em que podemos ver, ao redor do amor, o afloramento de sentimentos como a paixão, a decepção, a transformação do amor em ódio que desencadeou o programa narrativo da vingança. Um tipo de amor que teve por base o amor erótico, que foi intenso e que, ao mesmo tempo, frágil, porquanto não foi duro para sempre e as dores de amores o acompanharam. O que falar do amor a esta altura? Existem, naturalmente, como vimos por meio da revisão da literatura das psicologias que procuraram definir e estudar o amor na linha do tempo e da análise semiótica dos casos de amor aqui impetradas, tanto da vida real quanto ficcional, no caso da breve análise da letra da canção do The Persuaders, que há muitas formas de amor. São os eixos das relações amorosas que precisam ser repensados. Numa sociedade consumista e de moral decadente que tem o sexo como sinônimo de amor, é impossível que haja lugar para a utopia

de uma felicidade duradoura e genuína como fruto das relações amorosas. Um amor ideal teria, neste caso, que ser pensado do ponto de vista de uma profunda reflexão em torno desta busca constante de valores, o que caracteriza a ideologia em termos semióticos.

## Referências bibliográficas

Antonucci, Toni C. & Akiyama, Hiroko. Social Networks in Adult Life and a Preliminary Examination of the Convoy Model. *Journal of Gerontology*, Volume 42, Issue 5, September 1987, Pages 519–527, doi:10.1093/geronj/42.5.519

Bandura, A. (Ed.). *Psychological modeling: Conflicting theories*. Chicago: Aldine-Atherton Press, 1971.

Bandura, A. *Social Cognitive Theory: An agentic perspective on human nature*. New Jersey: Wiley & Sons, 2023.

Berscheid, E. & Walster, E. Hatfield. *Interpersonal Attraction*. Reading, Massachusetts, Menlo Park, California - London - Don Mills, Ontario: Addison-Wesley Publishing Company. 1969.

Berscheid, E. The Greening of Relationship Science. *American Psychologist*. **54** (4): 260–266. 1999. doi:10.1037/0003-066X.54.4.260. PMID 10217995. S2CID 17857452

Bowlby, J. *Attachment and Loss, Volume I: Attachment* (2 ed.). Basic Books. 1969.

Bowlby, J. *Attachment and Loss, Volume 2: Separation, Anxiety, and Anger*. Basic Books. 1973.

Bowlby, J. *Attachment and Loss, Volume III: Loss, Sadness, and Depression*. Basic Books. 1980.

Blau, Peter M. *Exchange & Power in Social Life*. Transaction. ISBN 9780887386282. New York: Wiley, 1964. 352 p. (Department of Sociology, University of Chicago. IL).

Bretherton, I “The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth”. *Developmental Psychology*. **28** (5): 759–775. doi:10.1037/0012-1649.28.5.759 – via APA PsycNet. 1992.

Bronfenbrenner, U. Towards an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, **32**(7), 513–531. 1977. doi:10.1037/0003-066X.32.7.513

Bronfenbrenner, U. *The ecology of human development*. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1979.

Bronfenbrenner, U. Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, **22**(6), 1986. 723–742. doi:10.1037/0012-1649.22.6.723

Buscaglia, Leo. **Vivendo, Amando e Aprendendo**. São Paulo, Editora Record, 18ª Edição, 1995.

Buscaglia, Leo. **Amor**, São Paulo, Record, 11ª edição, páginas 46-59.

Buss, D. M. Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypotheses tested in 37 cultures. *Behavioral and Brain Sciences*, **12**(1), 1–49. 1989. doi:10.1017/S0140525X00023992

- Buss, D. M., et al. Sex Differences in Jealousy: Evolution, Physiology, and Psychology. *Psychological Science*, 3(4), 251-256. 1992. doi:10.1111/j.1467-9280.1992.tb00038.x
- Camões, Luis de. *Amor é fogo que arde sem se ver*. Ediouro, Portugal, 1997.
- Chemama, Roland. *Dicionário de Psicanálise Larousse*. Org. Roand Chemama. Trad. Francisco Franke Settineri, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), Porto Alegre, série Artes Médicas, 1995.
- Colassanti, Marina. *E por falar em amor*. Rio de Janeiro: Rocco, 4ª Edição, 1985. Páginas 17-20.
- Collins, N. L., & Read, S. J. Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644-663. doi:10.1037/0022-3514.58.4.64, 1990.
- Dion, K., Berscheid, E., & WALSTER, E. What is beautiful is good. *Journal of Personality and Social Psychology*, 24(3), 285-290. 1972, doi:10.1037/h0033731
- Dorra, Raúl. *Entre el sentir y el percibir*. In: *Semiótica, estesis, estética*, Sao Paulo, Puebla, EDUC-UAP, 1999.
- Emerson, E. Prevalence of psychiatric disorders in children and adolescents with and without intellectual disability. First published: 10 January 2003 <https://doi.org/10.1046/j.1365-2788.2003.00464.x>
- Emerson, Richard. Social Exchange Theory. *Annual Review of Sociology*. 2. 335-362. 2003. 10.1146/annurev.so.02.080176.002003.
- Finkel, Eli J, Simpson, Jeffrey A & EASTWICK, Paul W. The Psychology of Close Relationships: Fourteen Core Principles. *Annual Review of Psychology*. Vol. 68, p. 383-411. Janeiro de 2017. Primeira publicação em Setembro de 2016. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010416-044038>,
- Floyd, F. J. et al. *Preventive intervention and relationship enhancement*. In N. S. Jacobson & A. S. Gurman (Eds.), *Clinical handbook of couple therapy* (p. 212-226). 1995, The Guilford Press.
- Fraley, R. C., Waller, N. G., & Brennan, K. A. An item-response theory analysis of self-report measures of adult attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78, 350-365. 2000.
- Fromm, Erich. *The Art of Loving*. Harper & Row, 10 East 53d Street \ New York, N.Y. 10022 X 79 80^32. 1956. [https://ia800201.us.archive.org/30/items/TheArtOfLoving/43799393-The-Art-of-Loving-Erich-Fromm\\_text.pdf](https://ia800201.us.archive.org/30/items/TheArtOfLoving/43799393-The-Art-of-Loving-Erich-Fromm_text.pdf)
- Genette, Gérard. *Discurso da narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins. *Arcadia*, 1979. Edição original data de 1972.
- Gottman, John Mordechai. Psychology and the Study of Marital Processes. *Annual Review of Psychology*. 49 (1): 169-197. doi:10.1146/annurev.psych.49.1.169. ISSN 0066-4308. PMID 15012468. 1998.
- Greimas, Algirdas Julien & Courtés, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. Tradução do original que data de 1979 de Alceu Dias Lima, Diana Luz Pessoa de Barros, Eduardo Peñuela Cañizal, Edward Lopes, Ignacio Assis da Silva, Maria José Castagnetti Sembra, Tiekio Yamaguchi Miyazaki. São Paulo: Cultrix, 1983. 2nd ed. Contexto, 2012.
- Greimas, A. J. & Fontanilli, J. *Semiótica das Paixões*. Ática, São Paulo, 1993.
- Harry, T. et al. The University of Rochester, 2 Stony Brook University, 3 Yale University, and 4 Northwestern University. nu. *Rev. Psychol*. 2017. 68:383-411. Downloaded from [www.annualreviews.org](http://www.annualreviews.org) Access provided by Northwestern University on 01/05/17.
- Hatfield, E. & Sprecher, S. "Measuring passionate love in intimate relationships". *Journal of Adolescence*. 9 (4): 383-410. 1986. doi:10.1016/S0140-1971(86)80043-4. PMID 3805440.
- Hatfield E., Passionate Love, Companionate Love, and Intimacy. In: Fischer M., Stricker G. (eds) *Intimacy*. Springer, Boston, MA. 1982. doi:10.1007/978-1-4684-4160-4\_17
- Hazan C. & Shaver P., Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*. 52:511-24, 1987.
- Hill, R. *Families Under Stress*. New York: Harper & Row. 1949.
- Hull, C. L. Simple trial and error learning: A study in psychological theory. *Psychological Review*. 37. 1930 (3): 241-256. doi:10.1037/h0073614
- Kelley, H.H. et al. *Close Relationships*. New York: W.H. Freeman. 1983.
- Kenny, D. A. Models of Non-Independence in Dyadic Research. *Journal of Social and Personal Relationships*, 13(2), 279-294. 1996. doi:10.1177/0265407596132007
- Lennon, John. Love. Faixa sete do álbum "John Lennon Collection/Plastic Ono Band", 1970, Original Sound Recordings da Emi Records, Ltd, 1982.
- Lewis, James W & Christansen, Jen. *Your Brain in Love*. *Scientific American* 304, 2, (February 2011) doi:10.1038/scientificamerican0211-92. Scientific American, a division of Nature America, Inc. <https://www.jstor.org/stable/e26002363>
- Malloy, T.E. & Kenny, D.A. The Social Relations Model: An integrative method for personality research. *Journal of Personality*, 54: 199-225. 1986. doi:10.1111/j.1467-6494.1986.tb00393.x
- Markman, H. J. & al. Prevention of marital distress: A longitudinal investigation. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 56(2), 210-217. 1988. doi:10.1037/0022-006X.56.2.210
- Meireles, Cecilia. *Viagem. Poesia* (Lisboa, Portugal: Editorial Imperio). 1937.

Ortigue, Stephanie et al. Neuroimaging of Love: fMRI Meta-Analysis Evidence toward New Perspectives in Sexual Medicine. *Journal of Sexual Medicine*. Volume7, Issue11, 2010. Pages 3541-3552. <https://doi.org/10.1111/j.1743-6109.2010.01999.x>

Ortigue S, et al.. Neuroimaging of love: fMRI meta-analysis evidence toward new perspectives in sexual medicine. *J Sex Med* 2010;7:3541–3552

Reis, H. T., Aron, A., Clark, M. S., & Finkel, E. J. (2013). Ellen Berscheid, Elaine Hatfield, and the Emergence of Relationship Science. *Perspectives on Psychological Science*, 8(5), 558–572. <https://doi.org/10.1177/1745691613497966>

Zefirelli, Franco. Irmão Sol, Irmã Lua. Versão original do inglês Brother Sun, Sister Moon, Fratello sole, sorella luna, de 1972. <https://www.imdb.com/title/tt0069824/>, [https://www.youtube.com/watch?v=tBJSBNj0Mnk&ab\\_channel=YouTubeMovies](https://www.youtube.com/watch?v=tBJSBNj0Mnk&ab_channel=YouTubeMovies), [https://www.youtube.com/watch?v=zX6ZDjQbqus&ab\\_channel=F%C3%A3deDublagem](https://www.youtube.com/watch?v=zX6ZDjQbqus&ab_channel=F%C3%A3deDublagem).

Walster, E., Aronson, V., Abrahams, D., & Rottman, L. (1966). Importance of physical attractiveness in dating behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 4(5), 508–516. doi:10.1037/h0021188